

EDUCAÇÃO DE/COM SURDOS: ENSURDECER, EMPRETECER E TRANSBORDAR

Sheila Martins dos Santos¹
Aline Gomes da Silva²
Tiago Ribeiro³

RESUMO

Neste trabalho, compartilhamos ressonâncias, sentidos, ideias e experiências que temos tecido na construção coletiva de um projeto pedagógico no cotidiano escolar de uma instituição pública centenária especializada na educação de surdos, na cidade do Rio de Janeiro. Nossa proposta tem como força motriz experiências vivenciadas com jovens e adultos surdos, no contexto da educação bilíngue. Considerando que nossos corpos habitam uma sociedade pautada na perspectiva uniformizante, eurocêntrica, colonial, racista, ouvintista, heteronormativa e patriarcal, que causa efeitos negativos na produção das nossas subjetividades, tais como o silenciamento, o sentimento de inferioridade, a subalternização, os traumas e o adoecimento psíquico. O desafio que se coloca para nós é refletirmos, interperlarmos, discutirmos e estarmos atentos/as para a incidência dessas opressões, suas influências e representações no processo educativo, a fim de combatê-las (em especial em nossas próprias práticas). Assim, escutar visualmente (Vignoli, 2023) pode ajudar a produzir fissuras nas políticas de apagamento além de reconhecer que somos produção e produto desta maquinaria colonial-racial-capitalista-ouvintista, o que tem nos movimentado a buscar romper a lógica que legitima alguns saberes e deslegitima outros de maneira desigual, assim como identidades e experiências. Educar é um gesto político (Ribeiro; Skliar, 2020). Nesse sentido, a compreensão de que os regimes de opressão são estruturais em nossa sociedade nos sinaliza a importância de abordagens, propostas e ações pedagógicas que interseccionalizem (Collins; Bilge, 2021) raça e surdez, além de outros traços culturais e identitários, de modo a afirmar os corpos – dos surdos, dos não surdos, de todos e de qualquer um. Instigados por essas questões, narramos nossos processos e caminhadas entrecruzadas na educação com pessoas surdas, destacando encontros-acontecimentos educativos que nos deslocam de nossos territórios epistêmicos, éticos, estéticos e políticos, pluralizando e espichando nossos modos de ver, sentir e narrar o mundo. Para tal, lançamos mão da escrevivência (Evaristo, 1996) como dispositivo capaz de recuperar as memórias, narrar nossas histórias, ressignificar o vivido, inventariar guardados que engravidam nossas narrações e relatos com detalhes, texturas e matizes cuja potência está em plasmar imagens possíveis de ser e estar na educação (com surdos) afirmativamente.

¹ Doutoranda em Educação/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP); Tradutora-Intérprete de Libras/Português/ Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), smartins@ines.gov.br

² Doutora em Psicologia, Professora da Educação de Jovens e Adultos, INES, alineg@ines.gov.br

³ Doutor em Educação, Orientador Pedagógica da Educação de Jovens e Adultos, INES, tribeiro@ines.gov.br

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Educação de surdos. Escrivência. Interseccionalidade.



Eixo temático XX:
XXXX (colocar número e nome do eixo temático, em Arial 11)